

Nokê mevi revôsho shovima Awe: ‘O que é transformado pelas pontas das nossas mãos’

NELLY BARBOSA DUARTE DOLLIS

Os Marubo falam uma língua da família pano. De acordo com censo da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), de 2010, eram, na época, aproximadamente 1600 pessoas no Sudoeste do estado brasileiro do [Amazonas](#), mais precisamente na Área Indígena Vale do [Javari](#). Junto com o povo Marubo, há na região outros povos, como Matses (Mayoruna), Matis, Kanamari, Kulina e Korubo, vivendo em uma extensão territorial de 8.544.444 hectares, sendo a segunda maior Terra Indígena no Brasil.

Nas rodas de conversa cotidiana, as mulheres marubo falam insistentemente e com muito orgulho de “*nokê mevi revôsho shovima awe*”. Uma tradução desta frase para o português poderia ser a seguinte: ‘O que é transformado pela ponta das nossas mãos’: o verbo desta frase significa, entre outras coisas, ‘criar’ e ‘fazer existir’. Esta frase se tornou o título de minha dissertação, onde domina a voz das mulheres marubo. (Dollis 2017).

Se tomarmos cada palavra desta frase, chegamos a uma aproximação: *nukê* (pronomes pessoais) é uma marca da primeira pessoa plural, ‘nós’ ou ‘nosso’; *mevi-sho*, palavra com dois morfemas, ‘mão-movimento’, ou seja, fazer/trabalhar com as mãos em movimento, surgir/começar, surgimento/começo; *awe*, tudo aquilo que alguém faz e lhe pertence; *sho* (sufixo genitivo); *shovi-a* (verbo transitivo), ‘criar, fabricar, produzir’.

O problema está na tradução da frase inteira, onde se conectam as palavras. Fazer é saber, saber fazer as coisas, conhecimento que faz com que as coisas sejam feitas. Fazer é com as mãos, é o saber das mãos. É um saber-fazer total, incorporado, para cada pessoa que sabe-faz. É um saber-fazer que ‘pertence’ a quem sabe-faz, assim como as coisas que passam a existir pelo seu trabalho. Das mãos o saber entra na pessoa, é interiorizado e é exteriorizado. E o saber pela escrita, escrevendo, escrito, que é o meu caso? A mesma frase se aplicaria quase naturalmente, já que escrever passa pelas mãos, ou, melhor, é co-

nhecimento que a mão faz existir, materializa, conhecimento que se move sempre de fora para dentro e vice-versa, e que faz crescer a pessoa.

Para os Marubo mais velhos, o mundo se torna adaptável quando passamos a conhecer minimamente a origem daquela realidade, tudo que vimos e tocamos nos causarão mal se nos aproximarmos dele sem o conhecer. A essência do que geramos ou fazemos existir através das mãos, ou, melhor, através das pontas dos dedos, está nos conhecimentos passados dos pais para os filhos.

No mundo atual do povo marubo, os mais velhos consideram que os jovens estão desatentos nos aprendizados, perante a invasão ou o contato com os *nawa-rasĩ*¹ e outros *noke-pamavo-rasĩ*². A técnica de ser observador para entrar no mundo do outro é desprezada pelos mais jovens. Nas conversas, muitas vezes ouço os mais velhos falarem que os jovens são levados pelo fascínio do mundo mágico dos *nawa-rasĩ* sem pensar nas consequências, o que faz com que eles sofram ataques surpresas de doenças desconhecidas sem poder se defender. Nesse contexto de estar lá e cá, inclusive no universo de conhecimentos, minha inquietação aumentava ao longo da empreitada acadêmica, por fazer parte dessa juventude que está “acabando com a cultura”; muitas vezes sou questionada pelos meus parentes por estar perdendo tempo estudando no mundo dos *nawa-rasĩ*. Uma conversa com o irmão mais velho da minha mãe – *Ivinipapa*, pai de *Ivini*, conhecido como Alfredo ou Alfredão - me fez sentir um gostinho de felicidade em relação ao ‘saber fazer’. Lembro do que ouvi dele muitas vezes. Perguntou-me: “O que o médico faz para ele ter o seu conhecimento?”. Respondi: “No estudo ele busca determinadas situações sobre as quais ele quer aprender”. Meu tio comentou: “Enquanto faço uma maloca ou um cesto, eu tenho todo o conhecimento que está na minha cabeça, não estou fazendo somente uma maloca ou um cesto; cada contexto, cada objeto, é um saber total, não é somente fazer uma coisa e deixá-la pronta”.

Isso é importante para compreender o que vou dizer. Produzir com as mãos é um conhecimento total. O leitor verá que escolhi traduções, traduções atalho, que sempre deixam um amargo na boca: ‘trabalho manual’, ‘artesanato’, ‘artesãs’, ‘artesão’. Daqui em diante, cada uma destas palavras em português deve ser pensada como tendo atrás dela tudo o que tentei explicar anteriormente.

As mulheres dizem “*nokē mevi revōsho shovima awe*” com um tom de satisfação diante de suas próprias ações e feitos. Os bens que manufaturam são a base sobre a qual se eleva a sua autoestima, como prova do seu valor e de seu conhecimento. Para as mulheres, o que se transforma nas pontas das mãos são cestas de folhas novas de tucum (*txitxã*), abanadores (*wekoti*), peneiras (*toati*), saias (*vatxi*) e pintura corporal (*kene*). Cada um destes ‘objetos’ tem um grafismo específico, chamado de *kene*, mesmo nome da pintura corporal. Não se produzem estas coisas à toa, apenas para fins utilitários, mas para conseguir realizar o desenho e conhecer a história dos objetos. Há uma grandeza em saber transformar algo em padrões de desenhos.

As mulheres mais velhas sentem a necessidade de expor o grau de importância do trabalho manual feito nas pontas dos dedos e valorizam sobremaneira o conhecimento tradicional que deriva do pertencimento clânico herdado por cada uma delas. O saber fazer das mãos ou nas pontas dos dedos tem uma continuidade histórica através dos clãs e seus ancestrais. É preciso dizer que o povo marubo

1 Não indígenas, brancos

2 Povos não parecidos com o nosso, outros povos.

não se apresenta como uma única sociedade, mas como um conjunto de clãs cuja relações são complexas e organizam casamentos e filiações. São os clãs que trazem as distinções de pensar, aprender e se expressar. Sendo assim, o leitor terá daqui para frente uma explicação sobre os clãs marubo, precedida por uma breve reflexão sobre o que significa a denominação “marubo” atribuída a esse povo.

A palavra “marubo” nada significa para o povo chamado pelos não índios de “marubo”, a não ser o fato dele ser, exatamente, um exônimo que ficou congelado nos registros e documentos oficiais. Na realidade, os Marubo não existem para os Marubo, já que eles se identificam internamente pelos nomes dos clãs ou subgrupos ou famílias (*a ivo nawa-rasĩ*) e os clãs são essenciais para a existência de pessoas. Certa vez, eu perguntei para minha mãe porque aceitamos ser chamados de ‘marubo’.

Ela me disse:

“as pessoas que falam português aceitam ser chamadas de ‘marubo’. Acho que eles têm dificuldade de explicar como a gente se denomina, porque os não indígenas (*nawa-rasĩ*) não conseguiriam nos chamar pelos nomes dos clãs”.

Como dizia meu avô João Tuxaua: “quem denominou nosso povo de ‘Marubo’ são os *nawa-rasĩ Txami korovo*, eles falavam língua *kastilhiano*” (na pronuncia do meu avô, se referindo ao espanhol castelhano). Quando chegaram à nossa terra explorando *pae* (látex), ao deparar-se com a gente, nos deram esse nome, talvez a gente parecia Marubo. Eu perguntei para *Keyashini* (Carlos Vargas), que sabia falar *kastilhiano*, e ele me respondeu que esses *nawa* disseram que a gente era *yochin*”.

É o que consta na pesquisa do antropólogo Júlio Cesar Melatti (1977:92):

“Chegou o momento de alertar o leitor de que “Marubo” não é uma autodenominação do grupo indígena que estamos examinando. Aliás, na região, mais de um grupo é assim denominado pelos funcionários da FUNAI. Na maior parte dos casos, os chamados Marubo que aparecem nas notícias de jornais não pertencem ao grupo de que estamos tratando, mas a outros, em fase de atração. Além disso, os índios focalizados neste trabalho não reconhecem nenhum laço com os demais grupos denominados Marubo.”

No mito de origem dos Marubo, narrado por *kêchĩtso-rasĩ*, os surgimentos dos clãs têm características que identificam as personalidades ruins, boas, festeiras, afetivas, fofoqueiras, entre outras. Por exemplo: os *shane-nawa*, para outros clãs, por sua origem ser o pássaro azulão, costumam ter filhos deficientes; os homens não temem guerrear e com isso tem costume de bater nas mulheres com a justificativa de que assim serão respeitados e temidos pelas suas mulheres. Os *shawã-nawa* são homens de boa fama, mas as mulheres são causadoras de intrigas que podem resultar em guerra. Os pais repassam essas histórias a seus filhos, para que saibam como serão seus futuros esposos ou esposas, de modo a se preparar para o tipo de personalidade que os filhos herdarão.

Ao narrar histórias, na sociedade Marubo, o narrador, seja mulher ou homem, no começo da narrativa, sempre deixa claro que não há semelhanças de conhecimentos já que a sociedade é dividida

em clãs ou subgrupos e cada subgrupo é dividido em famílias. O povo Marubo entende que, quando ocorre união de dois clãs, a responsabilidade pela educação dos filhos é essencial para não denegrir a reputação da família. Por exemplo: se um homem matar uma anta e não convidar ninguém para compartilhar a sua caça, as pessoas com quem ele convive irão questionar seu pertencimento clânico por ter aquela atitude egoísta. A sociedade em que está espalha a sua má fama de mesquinho e seu nome será citado como exemplo negativo para alertar as crianças no futuro. Assim, o indivíduo nunca deverá esquecer de que clã ele foi gerado para preservar os nomes dos clãs. Ser ‘marubo’, então, é uma ficção interna e uma necessidade externa. A não-ficção interna são os clãs.

Para entender melhor o porquê a palavra “marubo” nada significa para os Marubo, passo a uma breve explicação sobre os subgrupos clânicos marubo, na perspectiva das mulheres que são minhas interlocutoras. Conversando com os mais velhos, estes relataram sobre diversos processos de surgimento dos clãs principais e dos que surgiram a partir dos casamentos entre eles. Os pajés e os xamãs marubo dizem que no princípio os clãs *nākōsho wenia-rasī* - útero brotar-PL – “brotaram do útero (de uma mulher de um dos clãs principais)”.

Os clãs *nākōsho wenia-rasī* passaram a existir, com suas denominações, com o propósito de definir regras rígidas de casamento, quem pode casar com quem. Por isso, os filhos dos clãs principais são considerados *uāsho wenia*, o que significa o processo de geração de filhos de casamentos realizados entre subgrupos clânicos. Na maioria das vezes, *nākōsho wenia* é explicado como sendo *vene-pavo* (*vene-pavo*, ‘grande-passado’, os clãs maiores), para dizer que são os primeiros clãs, ou seja, os principais. Por outro lado, *uāsho wenia* (flor-brotar, ‘brotar das flores’), é explicado como *poto-pavo* (pequeno-passado, os clãs menores), continuidade de gerações produtos de casamentos ocorridos entre os clãs. Hoje, com a aproximação de outras sociedades não indígenas, há casamentos entre mulheres marubo e homens não marubo, e vice-versa. Os mais velhos, pajés e xamãs, me contaram o que acontece com esses casamentos. Quando as mulheres geram filhos de homens não marubo, surgem clãs como *vari-ua-ichnatōsh-wenia*, ‘vari de flores estragadas’ (*vari* ‘sol’ é nome de um clã, *ua* ‘flor’, *ichnatōsh* ‘movimento-de-esperma-estragado’, *wenia* ‘brotar’): ‘flor’ é a genitália, masculina ou feminina, ‘estragado’ é o esperma de um homem que não pertence a nenhum clã.

Se acontecer o inverso, no caso de um homem marubo ter filhos com uma *nawa-shavo* (não índia), os clãs que surgem são, por exemplo, *vari-ua-rechōtsipa* – sol-flor secreção resto, ‘resto de secreção de flor-sol’. Assim, se uma mulher do clã *vari-shavo* tiver filhos com um *nawa* (não índio) ou com outra etnia, por ele não pertencer a nenhum clã, eles são considerados surgidos ou gerados da secreção podre da flor-sol. No caso de um homem do clã *vari-nawa* ter filhos com uma *nawa-shavo* (não índia), seus filhos são considerados surgidos ou gerados do ‘resto da secreção da flor-sol’.

Assim, a sociedade marubo é formada por clãs ou subgrupos; os casamentos são regrados por essa organização em clãs. Tentei organizar uma visualização do sistema dos clãs marubo nas tabelas abaixo, brevemente comentadas.

- os pretendentes das mulheres pertencentes ao clã *sata-shavo* provêm dos clãs *ni-nawavo*, *isko-*

-nawavo, txonavo, ino-nawavo/kama-nawavo e koro-nawavo, mas seus filhos(as) serão sempre do clã rovo-nawavo/rovo-shavovo:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>sata-shavo</i>	<i>ni-nawavo</i>	<i>rovo-nawavo</i> <i>rovo-shavovo</i>
	<i>isko-nawavo</i>	
	<i>Txonavo</i>	
	<i>ino-nawavo/kama-nawavo</i>	
	<i>koro-nawavo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã ni-shavo provêm dos clãs satã-nawavo, shawã-nawavo e vari-nawavo, mas seus filhos(as) serão do clã rane-nawa/rane-shavovo:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>ni-shavo</i>	<i>sata-nawavo</i>	<i>rane-nawavo</i> <i>rane-shavovo</i>
	<i>shawã-nawavo</i>	
	<i>vari-nawavo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã isko-shavo provêm dos clãs satã-nawavo, shawa-nawavo, vari-nawavo e txona-nawavo/txonavo, mas seus filhos(as) serão do clã shane-nawavo:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>isko-shavo</i>	<i>sata-nawavo</i>	<i>shane-nawavo</i> <i>shane-shavovo</i>
	<i>shawa-nawavo</i>	
	<i>vari-nawavo</i>	
	<i>txona-nawavo/txonavo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã kana-shavo provêm dos clãs satã-nawa, shawa-nawavo e vari-nawavo, mas seus filhos(as) serão do clã ino-nawavo/ino-shavo/mati-shavo/mativo:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>kana-shavo</i>	<i>sata-nawavo</i>	<i>Ino-nawavo/ino-shavo</i> <i>mati-shavo/mativo</i>
	<i>shawa-nawavo</i>	
	<i>vari-nawavo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã *vari-shavo* provêm dos clãs *isko-nawavo*, *ni-nawavo* e *kama-nawavo*, mas seus filhos(as) serão do clã do *tama-oavo/tama-shavo*:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>vari-shavo</i>	<i>isko-nawavo</i>	<i>tama-oavo</i> <i>tama-shavo</i>
	<i>ni-nawavo</i>	
	<i>kana-nawavo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã *shawā-shavo* provêm dos clãs *ni-nawavo*, *isko-nawavo*, *txonavo*, *ino-nawavo/kama-nawavo* e *koro-nawavo*, mas seus filhos(as) serão do clã *txashko-nawavo/txashko-shavovo/mai-iskovo/mai-iskoshavovo*:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>shawā-shavo</i>	<i>ni-nawavo</i>	<i>Anakashka-nawa</i> <i>anakashka-shavovo</i> <i>mai-iskovo</i> <i>mai-iskoshavovo</i>
	<i>isko-nawavo</i>	
	<i>Txonavo</i>	
	<i>ino-nawavo/kama-nawavo</i>	
	<i>koro-nawavo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã *txashkō-shavo/mai-isko-shavo* provêm dos clãs *shane-nawavo*, *shono-nawavo*, *kananawavo* e *wanĩvo*, mas seus filhos(as) serão do clã do *shawā-nawavo/shawā-shavovo*:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>anakashka-shavovo</i> <i>mai-isko-shavovo</i>	<i>rane-nawavo</i>	<i>shawā-nawavo</i> <i>shawā-shavo</i>
	<i>shono-nawavo</i>	
	<i>kana-nawavo</i>	
	<i>wanĩvo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã *shane-shavo* provêm dos clãs *satā-nawavo*, *shono-nawavo*, *tama-nawa/tama-oavo* e *txashko-nawavo/mai-iskovo*, mas seus filhos(as) serão do clã *isko-nawavo/isko-shavovo*:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>shane-shavo</i>	<i>sata-nawavo</i>	<i>isko-nawavo</i> <i>isko-shavovo</i>
	<i>shono-nawavo</i>	
	<i>tama-nawavo/tama-oavo</i>	
	<i>mai-iskovo</i> <i>txashkō-nawavo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã tama-shavo provêm dos clãs shane-nawavo, rane-nawavo e ino-nawavo/kama-nawavo, mas seus filhos(as) serão do clã do vari-nawavo/vari-shavovo:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>tama-shavo</i>	<i>shane-nawavo</i>	<i>vari-nawavo</i> <i>vari-shavovo</i>
	<i>rane-nawavo</i>	
	<i>ino-nawavo/kama-nawavo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã txona-shavo provêm dos clãs shawa-nawavo, isko-nawavo, ni-nawavo e koro-nawavo, mas seus filhos(as) serão do clã shono-nawavo/shono-shavovo:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>txona-shavo</i>	<i>shawa-nawavo</i>	<i>shono-nawavo</i> <i>shono-shavovo</i>
	<i>isko-nawavo</i>	
	<i>ni-nawavo</i>	
	<i>koro-nawavo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã wanĩ-shavo provêm dos clãs rovo-nawavo, rane-nawavo e shane-nawavo, mas seus filhos(as) serão clã do koro-nawavo/koro-shavovo:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>wanĩ-shavo</i>	<i>rovo-nawavo</i>	<i>koro-nawavo</i> <i>koro-shavovo</i>
	<i>rane-nawavo</i>	
	<i>shane-nawavo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã shono-shavo provêm dos clãs rovo-nawavo, anakashkavo/mai-iskovo e shane-nawavo, mas seus filhos(as) serão clã do txona-nawavo/txona-shavovo:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>shono-shavo</i>	<i>rovo-nawavo</i>	<i>txona-nawavo</i> <i>txona-shavovo</i>
	<i>anakashkavo/mai-iskovo</i>	
	<i>shane-nawavo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã kama-shavo/ino-shavo provêm dos clãs tama-nawavo/tama-oavo, rovo-nawavo e shawã-nawavo, mas seus filhos(as) serão clã do kana-nawavo/kana-shavovo:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>kama-shavo/ino-shavo</i>	<i>tama-nawavo/tama-uavo</i>	<i>kana-nawa</i> <i>kana-shavovo</i>
	<i>rovo-nawavo</i>	
	<i>shawa-nawavo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã rane-shavo provêm dos clãs rovo-nawavo, shawa-nawavo e tama-nawavo/tama-oavo, mas seus filhos(as) serão clã do ni-nawavo/ni-shavovo:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>rane-shavo</i>	<i>rovo-nawavo</i>	<i>ni-nawavo</i> <i>ni-shavovo</i>
	<i>shawã-nawavo</i>	
	<i>tama-oavo/tama-nawavo</i>	

- os pretendentes das mulheres do clã koro-shavo provêm dos clãs satã-nawa, ni-nawavo e isko-nawavo, mas seus filhos(as) serão clã do wanĩvo/wanĩ-shavovo:

MÃE	PAI	FILHOS(AS)
<i>koro-shavo</i>	<i>sata-nawavo</i>	<i>wanĩvo</i> <i>wanĩ-shavovo</i>
	<i>ni-nawavo</i>	
	<i>isko-nawavo</i>	

Como podemos ver nas tabelas acima, a sucessão clânica na sociedade marubo é definida por descendência matrilinear. Os homens só multiplicam o clã da esposa. Atualmente as mulheres identificam, dezesseis clãs. Segundo elas, havia mais clãs no passado, mas no decorrer do tempo alguns foram desaparecendo. Por exemplo, as mulheres do clã do meu avô, João Tuxaua, só geraram filhos homens. Os filhos homens, de acordo com a tradição, só ajudam a multiplicar outros clãs, mas não multiplicam seu próprio; como não possuía tias maternas e primas, João Tuxaua foi o último remanescente do seu clã *wanĩvo*.

Segundo as mulheres, existem “casamentos retos” – *pano-ane-vo*³, entre os clãs pretendentes (ver as tabelas acima), um foi primordial no casamento e outros foram realizando casamentos entre eles ao longo da expansão do povo. Por exemplo, as mulheres do clã *tama-uavo*, deveriam casar com homens do clã *shane-nawavo* para realizar casamento como eles dizem que tem que ser.

3 *Panãnevo* é traduzido como ‘casamento correto ou reto (*pano* ‘prima cruzada’ *ane* ‘nome’ *vo* pluralizador).

Melatti (1998:86) comentou sobre os clãs, que ele chamou de “seções”:

Dizem os Marúbo que o casamento preferível é com a filha do koka, categoria que inclui os tios maternos ou os sobrinhos sororais mais velhos do que aquele que emprega este termo. Os koka de um homem “da “Saracura” pertencem à “Gente da Arara Vermelha”, e as filhas desses koka são de outras seções.

Há dois aspectos que devem ser ressaltados no casamento marúbo: a) um homem, ao casar-se com uma mulher, se torna pretendente também das irmãs dela, que vêm a se tornar suas esposas ou dos irmãos dele; a intromissão de algum outro que não faça parte desse grupo de irmãos, ou de sua seção, é vista com hostilidade;

b) parece haver uma certa ascendência de um homem sobre os irmãos mais novos de sua esposa, o que por vezes contribui para constituir o núcleo em torno do qual se forma um grupo doméstico - o dono da casa com sua(s) esposa(s), secundado pelo irmão dela(s) e sua(s) esposas(s) - ou equipes de extração de madeira.

Todo conhecimento e a atribuição a ele de algum valor são associados ao sistema de clãs. É muito comum ouvir nas conversas entre mulheres reunidas em grupos comentários sobre a relevância dos clãs para a avaliação de um trabalho manual, produzido nas pontas dos dedos das mãos, assim como para se referir às diferentes versões de relatos e estilos de narrativas míticas, dos ritos e ensinamentos dos conhecimentos tradicionais, também para compreender comportamentos e atitudes de uma pessoa.

As mulheres marubo habilidosas e conhecedoras de seus trabalhos enfatizam que seus conhecimentos lhes foram transmitidos pelas suas avós e mães da forma “correta”. As mulheres que criam novos artefatos guardam suas descobertas como um grande segredo especial; somente a família da artesã tem acesso a tais descobertas, que poderão ser aprendidas somente por filhas, netas e noras. Assim, dizem que o que é ensinado com facilidade não é valorizado; por essa razão, os mais velhos só ensinavam a aqueles(as) que se dedicavam a aprender, aquele(a) que mostrava habilidade e paciência para capturar os ensinamentos das anciãs.

O bom aprendiz tem quem ouvir e observar para não aprender errado; se quiser fazer perguntas, só tem que fazer as perguntas essenciais. Ensinar a trabalhar com as pontas das mãos é também aprender a pegar com a mão correta; antigamente, os marubo não admitiam que criança se acostumassem a trabalhar com a mão esquerda, era ichna-ka ‘feio’⁴. No ensinamento das artes tem que praticar junto com as pessoas mais velhas. Se ensinar sem praticar junto, a aprendiz prejudica a mestre artesã, ao tirar (mepachi-ikita⁵) dela conhecimentos e habilidades já adquiridos, paralisando seu aprendizado até ficar com preguiça e esquecer o que aprendeu ao longo da vida.

4 A leitura da SUMA Etnológica Brasileira, de Berta Ribeiro (Ribeiro, 1987:16) me trouxe uma citação interessante de Deez (1967): “Artefato, tal como palavras, são produtos da atividade motora humana, produzida através da ação de músculos guiados mentalmente sobre a matéria-prima envolvida”. Observei a semelhança com a ideia marubo de fazer-pensamento. Lembrei também do “ensinar as mãos”, presente nas falas dos meus protagonistas, nos modos de aprendizado do trabalho manual, já que as crianças aprendem a trabalhar de forma correta com a mão direita, são corrigidos para não se acostumar a trabalhar com a mão esquerda.

5 Forma de tirar a sabedoria, o conhecimento foi tirado da mão.

Como as mulheres marubo têm distintos conhecimentos em relação a sua produção, aproveitei para conversar - no dia 11 de novembro de 2010 - sobre quais artefatos são feitos pelas mulheres marubo com Korō Meto (clã koro-nawavo), Tamasai (clã rovo-nawavo) e Wanīnai (clã wanīvo), todas da aldeia Boa Vista do médio rio Ituí, e com Tama-saiwā (clã sata-nawavo), oriunda da aldeia Maronal no alto rio Curuçá. A conversa aconteceu na minha casa, na cidade de Atalaia do Norte (AM), por ocasião de uma visita a minha mãe, Tamā Sheta (clã Tama-uavo). Ouvi elas narrando do aprimoramento da produção usando PVC, da descoberta de ferramentas que melhor se adequam a uma boa produção.

Já que as mulheres não devem ficar paradas, quando elas vêm à cidade para fazer tratamento na Casa de Saúde Indígena – CASAI, nas ruas da cidade encontram pedaços de PVC, baldes brancos, frascos brancos e máquinas de lavar roupa inutilizadas, que catam para aproveitar as partes que podem ser reaproveitadas para fazer adornos corporais (indumentárias). Algumas delas ainda buscam tucum ao redor da cidade para fazer bolsas, redes, pulseiras e tiaras. Às vezes, simplesmente catam sacos de fibras para poder substituir o tucum. Para essas mulheres, a cidade não faz bem para a recuperação dos doentes e elas se sentem mais debilitadas. Quando estamos conversando, minhas protagonistas me dizem que quem fica parada é aquela pessoa que não tem saber nas mãos, muito menos tem saber na alma. Uma pessoa assim é apontada como vergonha e como mau exemplo para seus filhos.

A grandeza desse conhecimento cultural das mulheres está na minúcia do processo de como aprendem os diversos modos de ensinamentos das famílias, o tanto que elas valorizam o que para elas é o modo de vida que faz da pessoa um exemplo para os jovens. Como elas dizem: “é assim que funciona”. A família traz para cada pessoa a responsabilidade de ser um bom exemplo na sociedade; a pessoa que não valoriza o conhecimento tradicional não é considerada uma pessoa boa para se espelhar nela. Para os Marubo, o que se espera dos filhos é que eles possam dar continuidade aos seus clãs, no futuro como chefe da sua aldeia, se tornando filho, pai, esposo, sogro, avô. O mesmo pode ser dito das mulheres.

Conclusão

Este artigo apresenta algumas das ideias de minha dissertação “*Noke Mevi Revôsho Shovima Awe*, ‘o que é transformado pelas pontas das nossas mãos’: o trabalho manual dos Marubo do rio Curuçá”. No percurso da vida acadêmica, por ser mulher indígena, estudante e filha de minha mãe *Sheta/Isapeĩ-ewa* e, portanto, neta de João Tuxaua – uma figura importante para o povo marubo – tive a honra de receber a missão árdua de transcrever seus relatos. Diante da riqueza de informações, para ser sincera, não pude fazer melhor por causa da deficiência do vocabulário da língua portuguesa. Procurei, contudo, trazer o anseio das mulheres marubo, contando sobre o que mais se dedicam a fazer, o conhecimento total que reverbera do saber fazer das pontas dos dedos e também seus esforços para visibilizar a distinção de pensamentos e aprendizados que cada pessoa herda de sua descendência clânica.

A questão do pertencimento clânico se apresentou desde o começo como central e inevitável: nas nossas conversas, elas sempre faziam questão de ressaltar que havia entre elas “famílias” distintas, de modo que cada uma delas tem seu modo de relatar o desenvolvimento dos seus trabalhos manuais. São elas as principais idealizadoras da minha pesquisa, para falar sobre *mevîsho shovima awe* e *mevi revôsho shovima awe* e valorizar o conhecimento tradicional para novas gerações. Filhos e netos são aprendizes do mundo ocidental e acabam deixando conteúdos e modos de ensinamento que levam a incorporar a cultura de seus antepassados. Foram esses anseios das mulheres marubo que me levaram a trazer para o mundo acadêmico seus conhecimentos através de *nokê vana koĩ*, “nossas falas verdadeiras”, nas quais foram surgindo longas explicações sempre envolvendo o sistema de clãs. Nas palavras das mulheres, é o pertencimento clânico que marca as diferenças entre estilos e caminhos da transmissão.

Nelly Barbosa Duarte Dollis é mestre em Antropologia pelo PPGAS/Museu Nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDÈ, VERONICA. 2013. *Sustentando o Cerrado na Respiração do Maracá: conversas com os Mestres Krahô*. Dissertação (mestrado em desenvolvimento sustentável). Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável.
- BERQUE, A. 2009. *El pensamiento paisaje*. Biblioteca Nueva Madrid.
- CESARINO, PEDRO DE NIEMEYER. 2011. *Oniska: poética do xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp.
- _____. 2013. *Quando a Terra deixou de falar: cantos da mitologia marubo*. São Paulo: Editora 34.
- COSTA, RAQUEL G. R. 1992. *Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- DEETZ, JAMES. 1967. *Invention to archeology*. Garder City, NY, The Nat. History.
- MELATTI, JULIO CEZAR. 1998. *Marúbo*. Disponível em: <<http://www.arara.fr/BBTRIBO-MARUBO.html>>.
- _____. 1977. Estrutura Social Marúbo: um sistema australiano na Amazônia. *Anuário Antropológico*, 76: 83-120.
- MILLER, JOANA. 2007. *As coisas: Os enfeites corporais e a noção de pessoas entre Mamaindê (Nambiquara)*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.
- MONTAGNER MELATTI, DELVAIR. 1986. Simbolismo dos adornos corporais Marúbo (*), *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, São Paulo, 31: 7-41.
- WELPER, ELENA MONTEIRO. 2009. *O mundo de João Tuxaua: (Trans)formação do povo Marubo*. Rio de Janeiro. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ.
- RUEDAS, JAVIER. 2013. La acción ritual indígena ante el sistema mundial: ritos marubo de curación, solidaridad y resistencia. *Revista Española de Antropología Americana*, 43(1): 223-244.
- VELTHEM, L. H. VAN. 2003. *O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia: Assírio & Alvim.

NOKĒ MEVI REVŌSHO SHOVIMA AWE: 'O QUE É TRANSFORMADO PELAS PONTAS DAS NOSSAS MÃOS'

Resumo: Este artigo resulta de uma dissertação, na qual apresentei a importância do trabalho manual das mulheres marubo, com foco nas suas próprias palavras, as principais inspiradoras da pesquisa de mestrado e que são oriundas das aldeias Boa Vista e Nazaré do rio Ituí e nas aldeias Maronal e São Sebastião do rio Curuçá, na Terra Indígena do Vale do Javari (Amazônia ocidental). Explico a relação entre o saber-fazer dessas mulheres e o pertencimento de cada uma delas aos diversos subgrupos clânicos marubo, de forma a ressaltar, a partir do seu próprio ponto de vista, as distinções no trabalho das artesãs conforme cada subgrupo clânico e a diferenciação entre *mevīsho shovima awe*, 'trabalho das mãos', e *mevi revōsho shovima awe*, 'produção das pontas das mãos'. Incluo um pequeno relato sobre as descobertas de novos materiais para a confecção de adornos no contato com *nawa-rasī*, seus valores e significados, a imbricação de tradição e inovação.

Palavras chave: Marubo, clãs marubo, mulheres indígenas, artes marubo

NOKĒ MEVI REVŌSHO SHOVIMA AWE

Dissertação namāsh ē avai ivo ē naroa, eapa aīvo-rasīni atō mevīsh shovima awe yoā, naivowichá, neskakī ea yoāshoavo oīna eapashavo yomemavo-rasīni, neskai vanamatsawāvo kata oī ikī na onā katsayavo ē ashoā, a aīvorasī txeshē aavo Boa Vista, Nazaré akanamāsh vesokōyavo, sui revōveso koyāvoro Maronal, São Sebastião, mai anō atō shokoa tanátaya Vale do Javari (Amazônia ocidental). Yoārasī ōsi ōsipa áivo nawavō yoāro aska, ikī ato chināmanō na oīkatsaivo ikītō, ea yoā shoa, ea yoāshokī, meti mevīsh shovima awe, mevirevōsho shovima awe iki vana atō yoāā, atō awe shovima nenohtasho shovima, atōsheni rasēse shovia. Atō rama shovima awe, neska akī aka ramaro nawa-rasī aya tachia nokē anō yoitisvi shovia nō aya wenia awe keskasivi, a anō eseyasivi nō nokē mevi revōsh shoviasho.

Anōsho yoāti vana: Marubo, *anōaweya*, *yoraāivo*, marubo *chinārevōshshoviaya*

NOKĒ MEVI REVŌSHO SHOVIMA AWE: 'WHAT IS TRANSFORMED BY THE TIPS OF FOUR HANDS'

Abstract: This article is related to a dissertation, in which I presented the significance of the manual work for the Marubo women of the villages of Boa Vista and Nazaré on the Ituí river, and of the villages of Maronal and São Sebastião on the Curuçá river, in the Vale do Javari Indigenous Land (Western Amazonia). My focus was on their own words and they are the main inspirers of my research. I explain the relation between the know-how of these women and their belonging to the various Marubo clans, in order to emphasize, from their own point of view, the distinctions in the work of the artisans according to each clanic subgroup and the differentiation in between *mevīsho shovima awe*, 'the work of the hands', and *mevi revōsho shovima awe*, 'to produce with the tips of the hands'. I include a small account of the discoveries of new materials for making adornments in contact with *nawa-rasī*, their values and meanings, the imbrication of tradition and innovation.

Keywords: Marubo clans, Indigenous women, Marubo arts

RECEBIDO: 22/08/2018

APROVADO: 27/10/2018